

Um Farol Aceso Para Bruno Giacomelli

I

“Já somos o esquecimento que seremos, a poeira elementar que nos ignora, que não foi Adão e que é agora todos os homens. Somos apenas duas datas: a do princípio e a do término. Não sou o insensato que se aferra ao mágico som de seu próprio nome. Penso com esperança naquele homem que não saberá o que fui sobre a terra. Abaixo do indiferente azul do céu, esta meditação é um consolo”.

(Jorge Luis Borges – Esquecimento)

II

Seria impossível falar sobre Bruno Giacomelli, muito menos fazê-lo para chegar até você, caro leitor, sem começar pela vertiginosa história de Irineu Funes.

Funes, personagem título de Funes, o Memorioso – conto de Ficções, do escritor argentino Jorge Luis Borges – tinha o dom, a bem dizer a maldição, de registrar em sua memória, com exatidão, cada detalhe de cada fato ocorrido em sua vida. Descobrira esta notável capacidade após sofrer um acidente que o deixara paralisado, e, desde então, nada mais lhe escapara aos sentidos.

Com efeito, *“sabia as formas das nuvens austrais do amanhecer do trinta de Abril de 1882 e podia compará-las na lembrança com as listras de um livro espanhol encadernado que vira somente uma vez e com as linhas da espuma que um remo sulcou no rio Negro na véspera da batalha do Quebracho. Essas lembranças não eram simples; cada imagem visual estava ligada às sensações musculares, térmicas, etc. Podia reconstruir todos os sonhos, todos os entressonhos. Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro; nunca havia duvidado, cada reconstrução, porém, tinha requerido um dia inteiro”.*

Mais adiante no conto, *“não lhe custava compreender somente que o símbolo genérico cão abrangesse tantos indivíduos díspares de diversos tamanhos e diversa forma; aborrecia-o que o cão das três e catorze (visto de perfil) tivesse o mesmo nome que o cão das três e quarto (visto de frente). Seu próprio rosto no espelho, suas próprias mãos, deslumbravam-no cada vez. Menciona Swift que o imperador de Lilliput discernia o movimento do ponteiro dos minutos; Funes discernia continuamente os tranquilos avanços da corrupção, das cáries, da fadiga. Notava os progressos da morte, da umidade. Era o solitário e lúcido espectador de um mundo multiforme, instantâneo, e quase intoleravelmente exato”.*

E, afora o inevitável encanto que o leitor tenha experimentado ao adentrar o universo deste fantástico personagem – eu compartilho deste sentimento ao lembrar a estranha e atraente primeira impressão que tive acerca de Funes –, é necessário ressaltar, desde já, que de sua insônia essencial, por assim dizer, deriva a impossibilidade de se fundar uma linguagem.

O próprio Borges pontua a insensatez dos dois projetos que lhe indica no conto, não obstante eles nos permitam vislumbrar a imensidão daquele mundo particular: um vocabulário infinito para a série natural dos números, e um inútil catálogo mental de todas as imagens da lembrança. Ambos em franca consonância com a incapacidade de Funes em estabelecer idéias gerais, platônicas. Daí também porque Borges, a certa altura da narrativa, se refere ao personagem como um precursor dos super-homens, um Zaratustra xucro e vernáculo.

III

Bem, ainda não há o que se falar no personagem título desta crônica, mas já avançamos bastante, caro leitor.

Baseados em Funes, e em seu abundante martírio, podemos inferir que o não permanente registro dos acontecimentos inaugura em nós a necessidade de categorizar as coisas, de codificá-las, para que possamos comunicar a fluência dos nossos pensamentos por meio dos códigos estabelecidos, de uma linguagem, enfim. Tal ponderação é acadêmica, porém não desprovida de sentido. Pelo contrário, ela nos servirá de apoio para escalarmos a um platô necessário do presente raciocínio.

Lembro-me que ao me deparar pela primeira vez com a tela do computador, com o objetivo concreto de escrever sobre xadrez – inclusive –, a escolha crucial era entre banhar-me da intensa luz emanada pelos cânones do xadrez mundial, ou, seguindo a determinação de meu lobo frontal, aninhar-me nas espessas sombras produzidas pelos enxadristas capixabas de meu tempo, e partilhar com devoção do pão ázimo de suas produções enxadrísticas. Como costuma enfatizar o basilar escritor Marcos Vieira de Oliveira, o Shmoo – o Franz Kafka do pós-kafkeano –, cuja clarividência balsâmica se aplica a inúmeras enfermidades cognitivas, o lobo frontal não erra – leia-se a respeito “As 3 Leis do Amor”, em <http://xmoon.multiply.com> . E o meu não errou.

De fato, esta escolha germinal me permitiu, desde então, “ver” o Xadrez de uma maneira completamente distinta da que eu via. A partir dela, uma partida de xadrez, qualquer partida, já não era meramente a melhor seqüência de lances sobre o tabuleiro, a semi-loteria a premiar o competente e feliz autor do penúltimo erro. Fosse assim, tão logo parido o rebento, eu o teria abandonado – mais correto, hoje, é afirmar o contrário. Há uma crônica anterior, “Homens, Máquinas e Knoblauchadas”, em que eu exponho mais amiúde esta mudança de foco, e outras em que ela emerge das entrelinhas. Mas se lá eu me reportava à mutação em si, aqui minha intenção é helenizar os personagens que lhe dão vida.

E não haveria como fazê-lo sem entoar loas ao quase imemorable Bruno Giacomelli.

IV

Nascido em Borgo Poncarele, Itália, aos dez dias de Setembro de 1952, Bruno Giacomelli é um ex-piloto de Fórmula 1. Seu melhor resultado na categoria foi um terceiro lugar no Grande Prêmio de Las Vegas de 1981 – coincidentemente, a corrida que deu ao brasileiro Nelson Piquet o primeiro de seus três títulos mundiais. No ano anterior, surpreendera nos treinos classificatórios para o Grande Prêmio da Inglaterra, em Brands Hatch, ficando em sexto lugar no *grid*, a bordo de um Alfa Romeo.

E, graças ao fenômeno contemporâneo da hiper-informação, isso é tudo o que eu saberia sobre este semideus do esquecimento, não fosse por aquela apagada manhã em que o Alfa Romeo de número vinte e três pilotado por Giacomelli se alojou permanentemente em minha memória.

Tudo começara nos treinos classificatórios da tarde anterior, quando o céu fez desabar uma torrente no autódromo onde seria disputada a corrida, inundando também as pretensões dos pilotos de ponta, que habitualmente reservavam as voltas mais rápidas para o final dos treinos.

Dentre eles não figurava Giacomelli, que, juntamente com outros eminentes retardatários da época, havia dado algumas voltas com seu carro antes do vendaval, posicionando-se entre os primeiros na largada. Estava formado o imbróglio. Na manhã seguinte, os carros mais lentos largariam na dianteira, enquanto aos mais velozes restaria a estratégia de tentar recuperar posições no transcorrer da prova.

Dito e feito, após algumas voltas no circuito os bólidos se misturaram, num pega-pra-capar encarniçado, em que só as mãos dos pilotos seriam capazes de reconhecer quem era quem – quiçá nem isso. Entre eles, Nelson Piquet, na briga pelo título da temporada, e alucinado, desde a largada, para galgar os postos dos quais a tempestade da véspera lhe havia afastado.

À sua frente, num dado momento, um inverossímil Bruno Giacomelli extraía de seu possante o desempenho que nem Morfeu lhe concederia em sonho, e se mantinha na dianteira do brasileiro. Piquet jogava seu Brabham para um lado, depois para o outro, na busca da ultrapassagem. Mas, volta após volta, seus esforços lhe restavam inúteis.

Não era só uma questão de prevalência técnica que ornava o cenário. Naquela manhã chuvosa, a técnica era mesmo prescindível diante de outros fatores elementares: a fadiga do motor Brabham – que se desgastara rapidamente na luta de Piquet por recuperar posições –, as condições desfavoráveis da pista – atuando contra os dois pilotos –, e, principalmente, o arrojo de um irreconhecível Bruno Giacomelli!

Fã de carteirinha do brasileiro, esconjurei o piloto italiano por diversas vezes durante a corrida, a cada frustração renovada, até me aperceber de algo maior, bem maior.

Até então Giacomelli figurava em meu inconsciente – argamassa de minha estupidez – como o gentil cavalheiro que cedia seu posto sempre que um aspirante a um lugar entre os seis primeiros colocados – os contemplados pelo sistema de pontuação vigente à época – sinalizava sua aproximação. E era só. Bastava chegar, perguntar ao bom e velho “Giacco” pelas crianças, e ultrapassá-lo, sem sequer tomar conhecimento.

Naquele dia, porém, ele lutou com brutal honestidade e inabalável espírito de muralha por um lugar ao Sol – ou à chuva, que fosse!

Talvez o fato só tenha me sensibilizado dada a longa duração da contenda entre os dois, ou talvez porque Piquet, resmungão histórico, não esboçou qualquer gesto de desaprovação à resistência oposta pelo italiano – diferentemente do papelão feito pelo piloto espanhol Fernando Alonso na última prova da temporada 2010, que, ao exigir

passagem do piloto imediatamente a sua frente na prova, e, portanto, disputando com ele a posição, demonstrou querer ser campeão na marra, para dizer o mínimo. Não importa.

O que realmente importa sobre o registro quase insipiente deste episódio automobilístico – que poderia ter sido ofuscado pelos muitos anos passados, ou até pela chuva daquele dia – é que a necessidade de comunicar a importância da surpreendente empatia que eu senti por Giacomelli, aliada à incapacidade humana de registrar continuamente todos os acontecimentos da vida – exceção feita a Funes, lógico –, alicerçaram em mim, por assim dizer, os pilares de todo o edifício de minhas escolhas posteriores, e, amiúde, de minha abordagem literária para o Xadrez: o pequeno equiparado ao grande, o aluno ensinando o mestre, a prosa entre o matuto e o filósofo, a água moldando a pedra, a igualdade entre os homens, o breve fragmento de memória entre dois infinitos esquecimentos, o rudimento fundador da comunicação. Tudo o que eu queria ser em minha vida, enfim.

E enquanto o leitor suspeita, pela porta dos fundos, o que eu quero fazê-lo tomar de assalto pela principal, vamos à partida que ilustra a presente crônica.

V

Meus caros, sem nenhum demérito aos demais colaboradores da FESX – formais ou informais –, é necessário deixar bem claro uma coisa: o Carlos Alberto é o cara!

Eu poderia prosseguir dizendo que sua atuação como Secretário da FESX foi decisiva para amortecer o impacto da saída do Walter Knoblauch do corpo diretor da entidade, para dedicar-se integralmente à atividade profissional, e creio que resumiria bem a questão. Mas prefiro relatar aqui um pouco do pouco que eu vi, e assim fazer jus ao direito de emitir opinião acerca de seu inestimável trabalho em prol do xadrez capixaba.

A cena é recorrente e conhecida dos enxadristas. Independentemente do horário e local de cada torneio, o Carlos Alberto chega antes dos demais, arma e desarma o circo do xadrez com a mesma naturalidade de quem caminha ou respira, e depois desaparece na bruma de sua própria eficiência, nos deixando com a nítida impressão de que todo o aparato envolvido – tabuleiros, peças, relógios, laptop – estivera ali o tempo todo, à espera de quem se dispusesse a aparecer para jogar.

Falando assim parece uma tarefa árdua, e realmente é – eu mesmo já vivi algumas vezes esta experiência, e posso assegurar ao leitor que fazer a presença do citado aparato parecer tão natural quanto a sombra de uma castanheira exige alguma paciência e muita, muita dedicação e amor ao xadrez. Imagine então fazê-lo para um calendário extenso como o da FESX. Só mesmo sendo o Super Carlos, como ele ficou conhecido na afamada boca maldita – *la boquita* de mel – do quiosque Taça de Ouro, para citar um exemplo que me é caro.

Vale dizer, onde quer no Espírito Santo tenha sido aberto um tabuleiro de xadrez a título de competição, no último biênio, lá estava ele, representando a FESX, e dando o suporte necessário – moral e material – aos organizadores do evento.

E o que eu disse até aqui justificaria, por si só, o longo preâmbulo à partida que segue. Mas acontece que o Carlos Alberto talvez esteja de partida de nosso Estado nos próximos meses, e, por conseguinte, não atuaria mais como Secretário da FESX e colaborador do xadrez – e note o leitor que eu nem adentrei este mérito específico, que, a meu ver, é o seu legado mais generoso –, deixando uma lacuna difícil de ser preenchida. A meu ver, tão difícil quanto aquela de outrora, quando da saída do Walter, e que ele supriu de maneira irrepreensível.

E como a presente crônica se propõe a pôr em relevo o dualismo entre memória e esquecimento, e o nosso trôpego-sublime caminhar entre ambos, nada mais escorreito do que eternizar, em meio ao inexorável esquecimento borgeano, uma das produções enxadrísticas mais intensas e combativas do Super Carlos.

Mariano, Rodrigo Gomes x Cunha e Silva, Carlos Alberto V. – Final do CEAX 2010 – B84 (Sangue, Suor e Trabalho)

1. e4 c5!

Sangue!

2. Nf3 d6

3. d4 cxd4

4. Nxd4 Nf6

5. Nc3 a6!

Mais sangue!

6. Be2 e6

7. h3 Be7

8. O-O O-O

9. Be3 Qc7

10. f4 b5

11. a3 Bb7

12. Bf3 Nbd7

Ambos os lados concluíram satisfatoriamente a fase de desenvolvimento, optando por esta linha sem trocas prematuras – sinal de que os jogadores confiam nas escolhas que farão durante o meio-jogo. Em breve, as tensões se acumularão sobre o campo de batalha.

13. Nde2 Nc5

14. Ng3 Rad8

15. Qe2 Nfd7

16. b4 Bf6!

Pra quem gosta de emoções fortes – eu gosto!, e me fixei nesta partida a partir deste lance –, um horizonte de infinitas possibilidades se apresenta após **16. ... Bf6**.

17. e5!! ...

Resposta natural, que visa a ganhar um tempo precioso na busca do melhor balanço defensivo! Se, por exemplo, **17. bxc5**, após as trocas as pretas parecem obter posição preferível.

A segunda exclamação vai por uma série daqueles fatores subjetivos que fazem uma partida se tornar épica, sobretudo para quem a joga: as tensões borbulham sobre o tabuleiro, a ansiedade sobe a mil, aumenta o cheiro de sangue – o do adversário e o próprio!

17. ... dxe5

18. Nh5 e4

Não há mais como voltar atrás. Nenhum dos dois.

19. Nxf6+ Nxf6

20. Bxc5 exf3

21. gxf3 Rfe8

22. Qe5 Qc6

Carlos Alberto não quer corrigir a debilidade estrutural dos peões brancos na ala do rei, ao mesmo tempo em que mantém a torre de **f1** escravizada na proteção ao peão em **f3**. Ainda há muito trabalho pela frente, até converter a posição promissora em vitória. Mas estamos falando logo de quem...

23. Bd4 Qd6

As brancas ameaçavam **24. Qg5**, um perigo que Carlos Alberto preferiu evitar jogando o lance do texto.

24. Qxd6 ...

Talvez fosse melhor **24. Rad1**, forçando as pretas a se decidirem quanto ao que fazer com a dama, além de objetivamente defender o bispo em **d4**. É o típico lance simultaneamente prático e psicológico. Com a troca prematura das damas, porém, as pretas entrarão num final materialmente equilibrado – aparentemente era esse o objetivo principal das brancas ao efetuarem as trocas –, em que a iniciativa do jogo e a maior atividade de suas torres, aliadas a uma incomparável capacidade de transpiração por parte de seu condutor, serão os únicos aliados na busca da vitória.

O caminho, contudo, está traçado: trabalho; trabalho; trabalho.

24. ... Rxd6

25. Bxf6 gxf6

26. Ne4 Bxe4

27. fxe4 Rc8!

Aí está o que eu havia dito! Um lance singelo, mas com o agudo e duplo efeito de ativar a torre a fixar a debilidade de **c2**.

28. Rf2 Rc3!

Afinal, quem está jogando de pretas? Super Carlos ou Akiba Rubinstein?

29. Kh2 Re3
30. e5 fxe5
31. fxe5 Rxe5

Agora as pretas têm uma vantagem concreta. Mas como são ardilosos esses finais de reis, torres e peões...

32. Raf1 f5
33. Rg1+ Kf7
34. Rfg2 Re3
35. Rg7+ Kf6
36. Rxh7 ...

Rodrigo trata de criar um peão passado, sua esperança na tentativa de salvar a partida.

36. ... Rd2+
37. Rg2 Rxc2+
38. Kxc2 Re2+
39. Kg1 Rxc2
40. Ra7 Rc6
41. Kf2 e5

É o início da marcha para a vitória

42. Ra8 e4
43. Rh8 Ke5
44. Ra8 Kf4
45. h4 ...

Avanço tardio, após alguns lances oscilantes de torre.

45. ... e3+
46. Ke2 Rc2+
47. Kd3 Rd2+
48. Kc3 Rd6!

A conclusão de uma manobra fina que afastou o rei branco da defesa da coluna e. Agora a torre volta à defesa do peão de **a6**, que nunca esteve seriamente ameaçado.

49. Re8 Kf3
50. h5 e2
51. h6 Rxh6!

O rei branco não pode mais fazer a defesa da coluna e, em virtude de, por exemplo, **52. Kd2 Rd6+**, e se **53. Ke1 Rd1++** põe fim à partida.

0-1

VI

A bem da verdade, caro leitor, eu não me recordo – ousou proferir este verbo à sombra de Irineu Funes – com precisão dos fatos ocorridos naquela manhã em que Bruno Giacomelli se libertou de si próprio, e me libertou de mim mesmo para ser talvez o homem feliz da sentença de Maiakovski.

Não sei dizer com precisão o quanto havia chovido nos treinos classificatórios, nem se Giacomelli de fato largou entre os primeiros. Não sei sequer dizer por quantas vezes ele permaneceu à frente de Piquet, ou se foi ultrapassado depois. Pode ser, inclusive, que tudo tenha acontecido conforme descrito por mim. De outra forma, eu apenas contei esta história da maneira mais fiel ao seu sentido essencial. Às vezes penso com grandeza na humanidade, e na esmagadora maioria delas eu sou só o mentiroso que doura a pílula para dormir acordado, ruminando palavras sob o indiferente azul do céu.

Disse-me certa vez o Tarcisio – que saudade do mestre me bateu agora! –, citando a Mitologia Grega no quiosque Cabeça 171, que “*existe um Deus, no oráculo de Delfos, que não ordena, nem condena, apenas significa*”. É precisamente a este oráculo que eu nos reporto a todos no encerramento da crônica.

O sinal verde será acionado em poucos instantes. No *grid* imaginário entre a data do início e a do término todos foram perfilados, como uma coleção de memórias inomináveis e efêmeras – afora todos os esforços em contrário –, esperançosas pelo homem que não saberá o que foram sobre a terra, ou por um Deus que lhes signifique: Borges, Giacomelli, Funes, Super Carlos, Maiakovski, Tarcisio, o leitor, o cronista.

Memória, esquecimento.

Memória.

*

Errata da crônica “Coração de Porco”: a partida entre Osmar Schmidt e Tarcísio Lahud, com a qual eu inicialmente pretendia ter ilustrado a crônica, foi jogada em 2004, e não em 2002, como consta lá. Por uma questão óbvia de elegância, e porque a partida escolhida, jogada entre Adriano Stein e Edivaldo Sá, se ajustou plenamente ao projeto da crônica, esta será mantida em sua versão original. A título de curiosidade, informo que o clássico entre Osmar e Tarcísio encontra-se disponível para download nos arquivos da FESX. Trata-se da partida nº 27 do I CEAX de 2004.